

Volume

31/1

ICH - UFPel



História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

Acervos: Diferentes suportes de memória

Reitoria

Reitora: *Ursula Rosa da Silva*

Vice-Reitor: *Eraldo dos Santos Pinheiro*

Chefe de Gabinete da Reitoria: *Renata Vieira Rodrigues Severo*

Pró-Reitor de Ensino: *Antônio Maurício Medeiros Alves*

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: *Marcos Britto Corrêa*

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: *Fábio Garcia Lima*

Pró-Reitora de Planejamento e Desenvolvimento: *Aline Ribeiro Paliga*

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis: *Josy Dias Anacleto*

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas: *Taís Ullrich Fonseca*

Pró-Reitora de Ações Afirmativas e Equidade: *Cláudia Daiane Garcia Molet*

Superintendente do Campus Capão do Leão: *José Rafael Bordin*

Superintendente de Gestão Administrativa: *Mariana Schardosim Tavares*

Superintendente de Gestão da Informação e

Comunicação: *Christiano Martino Otero Ávila*

Superintendência de Inovação e Desenvolvimento

Interinstitucional: *Vinícius Farias Campos*

Superintendência de Infraestrutura: *Everton Bonow*

Superintendência do Hospital Escola: *Tiago Vieiras Collares*

Instituto de Ciências Humanas

Diretor: *Prof. Dr. Sebastião Peres*

Vice-Diretora: *Profa. Dra. Andréa Lacerda Bachettini*

**Núcleo de Documentação História da UFPEL –
Profa. Beatriz Loner**

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas

Prof. Dra. Márcia Janet Espig

Técnico Administrativo:

*Cláudia Daiane Garcia Molet – Técnica em Assuntos
Educacionais*

Paulo Luiz Crizel Koschier – Auxiliar em Administração

História em Revista - Publicação do Núcleo de
Documentação Histórica – Profª. Beatriz Loner

Comissão Editorial:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck

Profa. Dra. Márcia Janet Espig

Prof. Dr. Jornas Vargas

Paulo Luiz Crizel Koschier

Conselho Editorial:

*Profa. Dra. Alexandrine de La Taille-Trétinville U.,
Universidad de los Andes, Santiago, Chile*

*Profa. Dra. Ana Carolina Carvalho Viotti (UNESP -
Marília)*

Profa. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)

Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt (UFRGS)

Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos (UFPA)

*Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha
(UNICAMP)*

Prof. Dr. Deivy Ferreira Carneiro (UFU)

Profa. Dra. Gisele Porto Sanglard (FIOCRUZ)

*Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu (Universidade Federal
de Uberlândia)*

Profa. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)

Profa. Dra. Joana Maria Pedro (UFSC)

Profa. Dra. Joana Balsa de Pinho, Universidade de Lisboa

*Profa. Dra. Karina Ines Ramacciotti,
(UBA/CONICET/Universidad de Quilmes)*

Profa. Ms. Larissa Patron Chaves (UFPEL)

*Profa. Dra. Maria Antônia Lopes (Universidade de
Coimbra)*

Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)

*Profa. Dra. Maria de Deus Beites Manso (Universidade
de Évora)*

*Profa. Dra. Maria Marta Lobo de Araújo (Universidade
do Minho)*

*Profa. Dra. Maria Silvia Di Liscia (Universidad Nacional
de La Pampa – AR)*

*Profa. Dra. Maria Soledad Zárate (Universidad Alberto
Hurtado – Chile)*

Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)

*Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de
Buenos Aires).*

Prof. Dr. Robson Laverdi (UEPG)

Profª. Dra. Tânia Salgado Pimenta (FIOCRUZ)

Profª. Dra. Tatiana Silva de Lima (UFPE)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Prof. Dr. Tiago Luis Gil (UNB)

Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Profa. Dra. Yonissa Marmitt Wadi (UNIOESTE)

Editora: Lorena Almeida Gill

*Editores do Volume: Ma. Ângela Beatriz Pomatti (Museu de
História da Medicina do RS), Dra. Lorena Almeida Gill
(NDH-UFPEL) e Dra. Véra Lúcia Maciel Barroso
(Arquivo Histórico do CHC - Centro Histórico-Cultural
Santa Casa Porto Alegre)*

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

*Imagem da capa: Trabalho de higienização de acervo do
NDH-UFPEL. Fonte: Núcleo de Documentação
Histórica da UFPEL – Profa. Beatriz Loner*

*Pareceristas ad hoc: Dra. Adriana Fraga da Silva
(FURG); Dra. Ana Celina Figueira da Silva (UFRGS);
Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM); Dra. Cassia Silveira
(UFRGS); Dr. Charles Monteiro (PUCRS); Dra. Cíntia
Vieira Souto (UFRGS/MP-RS); Dra. Claudira do*

Socorro Cirino Cardoso (Secretaria de Educação do Pará); Dr. Cristiano Henrique de Brum (FIOCRUZ); Dra. Daiane Brum Bitencourt (UFRGS/PUCRS); Dr. Daniel Luciano Gevehr (FACCAT); Dra. Daniele Gallindo (UFPEL); Dra. Elis Regina Barbosa Angelo (UFRRJ); Dra. Jaqueline Hasan Brizola (FIOCRUZ); Dra. Leticia Brandt Bauer (UFRGS); Dra. Maira Ines Vendrame (UFPEL/UFJF); Dra. Márcia Regina Bertotto (UFRGS); Dr. Marcos Witt (Instituto Histórico de São Leopoldo-RS); Dra. Maria Teresa Santos Cunha (UFSC); Dra. Mariseti Cristina Soares (UFT); Dra. Mariluci Cardoso Vargas (PNUD/MDHC/Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos); Dr. Paulo Roberto Staudt Moreira (UFPEL); Dr. Rejane Silva Penna (Arquivo Histórico do RS); Dra. Rosane Marcia Neumann (FURG/UNIPAC); Dr. Tiago da Silva Cesar (UFRPE/UNICAP); Dr. Wilian Junior Bonete (UFPEL)

Editora e Gráfica Universitária

Conselho Editorial

Presidente do Conselho Editorial: Ana da Rosa Bandeira

Representantes das Ciências Agrárias: Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner (TITULAR), Cássio Cassal Brauner e Viviane Santos Silva Terra

Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: Aline Joana Rolina Wohlmuth Alves dos Santos (TITULAR), Felipe Padilha Leitzke e Werner Krambeck Sauter

Representantes da Área das Ciências Biológicas: Rosângela Ferreira Rodrigues (TITULAR) e Marla Piumbini Rocha

Representantes da Área das Engenharias: Reginaldo da Nóbrega Tavares (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências da Saúde: Claiton Leonetti Lencina (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências Sociais Aplicadas: Daniel Lena Marchiori Neto (TITULAR), Bruno Rotta Almeida e Marislei da Silveira Ribeiro

Representantes da Área das Ciências Humanas: Maristani Polidori Zamperetti (TITULAR) e Mauro Dillmann Tavares

Representantes da Área das Linguagens e Artes: Chris de Azevedo Ramil (TITULAR), Leandro Ernesto Maia e Vanessa Caldeira Leite

Seção de Pré-Produção – Isabel Cochrane, Suelen Aires Böettge

Seção de Produção

Preparação de originais – Eliana Peter Braz, Suelen Aires Böettge

Catálogo – Madelon Schimmelpfennig Lopes

Revisão textual – Anelise Heidrich, Suelen Aires Böettge

Projeto gráfico e diagramação – Fernanda Figueredo Alves, Alice Martins de Lima (Bolsista)

Coordenação de projeto – Ana da Rosa Bandeira

Seção de Pós-Produção – Marisa Helena Gonsalves de Moura, Eliana Peter Braz, Newton Nyamasege Marube

Projeto Gráfico & Capa – Paulo Luiz Crizel Koschier

Rua Benjamin Constant 1071 – Pelotas, RS
Fone: (53) 98115-2011

Edição: 2026/1
ISSN – 2596-2876

Indexada pelas bases de dados: Worldcat Online Computer Library Center | Latindex | Livre: Revistas de Livre Acesso | International Standard Serial Number | Worldcat | Wizdom.ai | Zeitschriften Datenbank

UFPEL/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Fone: (53) 3284 3208

Disponível em

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/index>

e-mail: historiaemrevista@ufpel.edu.br

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
Simone Godinho Maisonave – CRB 10/1733
Biblioteca de Ciências Sociais – UFPEL

H673 História em Revista [recurso eletrônico] : (Dossiê : Acervos : Diferentes suportes de memória) / Núcleo de Documentação Histórica da UFPEL – Profa. Beatriz Loner, v.31, n.1, jan. 2026. – Pelotas: UFPEL/NDH, 2026 – 484 p. ; 18,1 MB

Semestral

e-ISSN: 2596-2876

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/index>

1. História – Periódico 2. Acervos 3. Museus

CDD: 907

“A TRADIÇÃO NÃO É UMA CÓPIA DO PASSADO”: ACERVO DE UM MUSEU DE ARTE POPULAR ENTRE O FOLCLORE E O PATRIMÔNIO

“TRADITION IS NOT A REPLICA OF THE PAST”: THE COLLECTION OF A MUSEUM OF POPULAR ART BETWEEN FOLKLORE AND HERITAGE

Vagner Silva Ramos Filho

Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). A pesquisa contou suporte financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) por meio de sua Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE) / Processo nº 2022/14552-4. Atua principalmente nos seguintes temas: Teorias da História, da História da Historiografia e da Memória; Arquivo, Usos do passado e Tempo Presente; História Pública Digital, Patrimônio Cultural e Ensino de História; Nação, Nordeste e Sertões.

Email: vagner.ramosf@gmail.com.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1268-7079>

Resumo. A pesquisa com acervos possibilita acessar distintas marcas do passado no presente. A proposta deste artigo é analisar alguns traços do acervo do “Museo de Arte Popular José Hernández”, localizado em Buenos Aires, atentando especialmente ao lugar de imagens de passados de gaúchos fora da lei na Argentina. Diante dessas imagens como um dispositivo que faz ver e dizer disputas de sentidos da nação, argumento que investigá-lo entre temporalidades do folclore, da cultura popular e do patrimônio, no transcurso do século XX, é uma forma eficaz de entender suas variações históricas. Para isso, realizo uma etnografia por esse acervo, relacionando significados atribuídos a documentos, objetos e recordações. O trabalho busca provocar reflexões sobre usos do passado que podem contribuir com análises de diferentes acervos que contemplam as temáticas em cena.

Palavras-chave. Acervo; Museu; Folclore; Cultura Popular; Patrimônio.

Abstract. Research involving collections makes it possible to access traces of the past in the present. This article analyzes selected aspects of the collection of the *Museo de Arte Popular José Hernández*, located in Buenos Aires. It focuses particularly on the place of images portraying pasts of outlaw *gauchos* in Argentina as an **apparatus** that renders visible and articulates disputes over national meaning. The text argues that examining the collection across the temporalities of folklore, popular culture, and heritage throughout the twentieth century provides a way of understanding its historicity. This analysis is carried out through an ethnography of the collection, examining documents, objects, and memories. The study offers reflections on uses of the past that contribute to analyses of other collections addressing similar themes.

Keywords. Collection; Museum; Folklore; Popular Culture; Heritage.

Introdução

Durante uma temporada de pesquisas no acervo do Museo de Arte Popular José Hernández, localizado em Buenos Aires, encontrei um dos seus materiais de divulgação que era intrigante.¹ Tive essa impressão porque o que o vestígio sinalizava parecia fazer sentido para grande parte dos museus com temáticas ditas populares na contemporaneidade. Dizia-se com ênfase que a “tradição não é uma cópia do passado”. Com isso, tentavam valorizar esse museu argentino, o seu acervo e assuntos que contemplavam. Um dos seus temas mais recorrentes se volta, aliás, a imagens de passados de gaúchos oriundos de territórios considerados periféricos como emblemas da nacionalidade. Um assunto bastante ambivalente, sobretudo quando se trata de alguns que foram, em algum momento de suas vidas, ou, em parte significativa delas, tratados como foras da lei.

Há quem diga, coerentemente, que valorizações dessas imagens, embora pareçam muito antigas ou imemoriais, são bastante recentes, podendo ser vistas como uma “tradição inventada”. Isso porque remetem a um “conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas” (HOBSEBAWM; RANGER, 2012, p. 8) que não nascem espontaneamente. Nesse sentido, o acervo do museu, enquanto “conjunto de bens estabelecidos da instituição que o preserva em função dos valores que possui na sociedade, sejam estes de caráter histórico, cultural, artístico, afetivo, de raridade ou ineditismo” (POSSAMAI, 2020, p. 47), constitui um terreno fértil de pesquisas sobre o assunto. Investigá-lo permite rastrear muitas “práticas, de natureza ritual ou simbólica, que visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição” (HOBSEBAWM; RANGER, 2012, p. 8), mas igualmente disputas intensas em torno de seus significados e intenções de modificação dessas mesmas práticas para outros fins.

Nesse artigo, apresento algumas notas sobre uma etnografia por esse acervo argentino, em que busquei relacionar “los significados atribuidos a los objetos, a los recuerdos, a los conjuntos de documentos, de imágenes y de tradiciones, según las clases de agentes que los perciben, los ponen en práctica, los usan, los interpretan” (SILVA CATELA, 2011, p. 383). No processo, o que os intelectuais, agentes de Estado e instituições arquivam não é imparcial, demandando historicizar as “imágenes contemporáneas del pasado que llamamos memoria” (JELIN; VINYES, 2021) presentes em seu espaço.

No desenvolvimento da reflexão, uma pergunta é central. Quais as condições de possibilidade da emergência de dadas imagens de passado do povo de lugares periféricos identificados como desertos, especialmente o passado incômodo do gaúcho fora da lei, como dispositivo que faz ver, falar e disputar sentidos da nação? A questão conduz a reflexões sobre tempos de construção de imagens para a cultura nacional que remete à formação do Estado Nação, assim como outras temporalidades ao longo dos anos em que esse dispositivo continuou sendo operado de outras formas, sobretudo na

¹ Uma reflexão mais ampliada sobre o assunto, atenta às conexões transnacionais entre Brasil e Argentina, pode ser vista na tese que origina esta reflexão (RAMOS FILHO, 2025).



construção de uma visão de si, para si e para outros. Alguns desses tempos são os de difusão do folclore, de revisão da cultura popular e de ampliação da ideia de patrimônio. E, por último, tempos de outras disputas de imagens para a nação, como é neste que escrevo. O percurso provoca a refletir sobre dinâmicas globais que auxiliam a pensar o caso na Argentina, mas igualmente em outros lugares.

Sabemos que não há fórmula que indique como trabalhar com temporalidades. Mesmo assim, podemos lançar algumas observações sobre curvas de visibilidade e dizibilidade deste dispositivo (FOUCAULT, 2000; DELEUZE, 1990). Nesse aspecto, é crucial tentar ver tanto esforços de “consagración del gaucho” como símbolo nacional quanto “voces de disenso” que confrontaram sua pertinência como tipo que encarna uma nacionalidade (CHUMBITA, 2009; ADAMOVSKY, 2019; CASAS, 2016, 2018 e 2022). A atenção se volta, portanto, para disputas de sentido de suas imagens que se fazem entre usos do passado, demandas do presente e vislumbres de futuro na arena pública.

Tempos de construção de imagens para a cultura nacional

O debate sobre a construção de imagens de passados para as nações ao redor do mundo, sobretudo desde o século XIX, envolve de forma recorrente a pauta do binômio “tradição” e “modernidade”. Na América Latina, em que essa discussão sinalizou muitas vezes para o paradoxo “civilização” e “barbárie”, as visões construídas a partir da “cidade” em torno do “campo”, do “vazio” ou do “sertão” variaram geralmente entre um problema a ser resolvido e um símbolo de nacionalidade. Nesse sentido, figurações de foras da lei funcionaram predominantemente como um disparador de disputas sobre as ideias de “povo”, de “violência” e outras “(in)justiças” variadas. A constituição dessa imaginação nacional na arena pública deixou marcas por todas as partes.

Na Argentina, algumas disputas em torno disso são marcantes. No projeto de Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888) para a formação do Estado nacional, pretendia-se “arrancar do corpo do deserto seus poderes e orientar para outros fins úteis” (RODRÍGUEZ, 2010, p. 266). No livro “Facundo: Civilización y Barbárie”, de 1845, em que um dos personagens é Juan Facundo Quiroga (1788-1835), sinaliza-se a necessidade de domar gaúchos que vivem nas fronteiras. Nas guerras do período, essa ideia parece ter ecoado, pois muitos desses gaúchos que viviam pelos desertos são convocados a entrar em campanhas militares nas missões de defesa e expansão do Estado moderno. Como se tratava de recrutamento com pouca adesão popular, muitos deles desertaram dessas fileiras. Foi o caso de Antonio Mamerto Gil Núñez (1840-1878), mais conhecido depois como Gauchito Gil.

Esse projeto de Sarmiento tinha alguns opositores. Um deles era José Hernández (1834-1886), que escreveu o livro “Martin Fierro”, no ano de 1872, em franco diálogo com a poesia popular. Na sua leitura, o gaúcho Fierro, ao ser “envolvido por uma lei que o criminaliza, volta para o deserto”, pois é neste espaço que tem maior liberdade. Nesse local, o “governo não o alcança” e pode escolher “não trabalhar”, ou,





até mesmo, “viver como um senhor” nessas fronteiras abertas a experiências, imaginações e sentidos de muitas ordens (RODRÍGUEZ, 2010, p. 301).

É nesse contexto que o dispositivo é criado com funções específicas na construção de uma imagem de passado para a nação. O passado e presente da figura do gaúcho passa a ser tópico central desses discursos por distintos motivos. Por um lado, o seu passado é importante pois carregaria um traço autêntico do território por estar longe das influências internacionais. Por outro lado, representaria força, valentia e destemor que a nação precisaria ter. Trata-se de um ideal controverso por muitos fatores. Um deles é o de que existem gaúchos fora da lei, rodeados de conflitos, que instauram dilemas sobre apoiar ou criticar tais imaginações. Essa ambivalência fez com que sua figuração fosse disputada de diferentes formas no tempo.

Tempos de difusão do folclore

No período dos chamados governos populistas que marcaram a América Latina, na primeira metade do século XX, existia um imaginário sobre o território rural enquanto “um espaço vazio, longínquo, abandonado e atrasado que deveria se tornar um lugar ocupado, não mais periférico e sim integrado ao corpo da nação, contribuindo com riquezas para a modernidade” (GOMES, 2013, p. 44). A valorização de imagens do passado do povo rural e tradicional nessa integração em muitos países não acontecia, entretanto, em oposição do progresso urbano e da modernidade.

Nesse contexto, determinadas formas de “pôr em cena o folclore” (CHAMOSA, 2012) como uma prática que se envolveu com o passado incômodo de foras da lei indicam disputas desse sentido de ser nacional. A ideia em torno desse passado é a de que, depois de ter sua rebeldia domada, seria possível usá-lo politicamente como um depositário de valores ditos essenciais para a integração da identidade nacional que se pretendia moldar.

Na Argentina desses anos, houve a institucionalização do “Día de la Tradición”, na cidade de Buenos Aires, pela lei nº 4.756 de 1939. A data eleita foi 10 de novembro em alusão ao dia de nascimento de José Hernández. A investigação no acervo do “Museo de Arte Popular José Hernández” (MAP), realizada com o intuito de investigar o assunto, foi bastante proveitosa. Sobre sua historicidade, convém comentar que foi criado em 1938 como “Museo de Motivos Argentinos y Museo y Biblioteca del Folklore Argentino”. Em 1944, aliás, a biblioteca foi renomeada, com o agregado de José Hernández. Muitos dos seus documentos remetem aos anos 1940 e 1950, quando, em “contextos populistas”, a ideia de popular como elemento de integração nacional domina visões de povo.

Nesse cenário de incentivo ao folclore, é digno de nota que, em 1949, o museu recebeu a coleção do “Museo Familiar Gauchesco”, do tradicionalista Carlos G. Daws (1870-1947). Em função disso, esse “Museo de Folclore” passou a ser conhecido popularmente como o “Museo del Gaucho” enquanto um “símbolo de argentinidade” (CASAS, 2018). Nele se arquivavam objetos ligados ao povo, mas em uma visão que

servia igualmente para satisfazer uma parte da elite intelectual. Nessa pesquisa pelos acervos do museu, encontrei um cartaz de exibição deste antigo “Museo Familiar Gauchesco”, datado de 1940, que merece ser destacado. Certamente ajuda a perceber como o tema era dado a ver e o que interessava dele para o folclore.²

Figura 1. “Museo familiar gauchesco”



Fonte. Museo de Arte Popular José Hernández (MAP)

O cartaz, ao fazer uma “divulgación tradicionalista”, mobiliza um modo de dar a ver o passado de gaúchos como lendas valentes, em sintonia com visibilidades românticas, em que o sujeito montado a cavalo representaria os valores da terra. Nessas imagens, era comum que o animal figurasse como companheiro inseparável do homem, como se demonstrasse uma valentia incontestada. A situação faz pensar que há uma intenção de demonstrar “uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico” (HOBBSAWM; RANGER, 2012, p. 8) que se considere como apropriado.

O caso dessa imagem no acervo do museu é oportuno para expor uma recorrência em relação às “tradições inventadas”. Geralmente, a referência que fazem a

² MUSEO DE ARTE POPULAR JOSÉ HERNÁNDEZ. Buenos Aires, Argentina. Visita em: set. 2022; entre maio e out. 2023. Carpeta Nuestro Gaucho. N. Inv 3145.



um passado histórico vem acompanhada de uma tentativa de estabelecer com “ele uma continuidade bastante artificial” (HOBBSAWM; RANGER, 2012, p. 8). Tal perspectiva era imensamente cultuada pela perspectiva folclórica, porque se acreditava que a valentia seria um resquício de nobreza da antiguidade, e, portanto, indicaria supostas essências genuínas que deveriam servir de exemplos para um futuro de glória. Com isso, tentavam domesticar um passado que, por remeter a situações marcadas muitas vezes por quebras de condutas, crimes e outras desordens em territórios distantes, era bastante conflituoso.

Tempos de revisão da cultura popular

No período das ditaduras militares que atravessaram a América Latina, sobretudo em meados do século XX, a valorização de determinadas imagens de passado do povo rural diante do urbano continuou fundamental para caminhos de modernização e marcada por um evidente choque de imaginações. Essa valorização era estratégica tanto para projetos políticos estatais de integração e unificação do país quanto para projetos alternativos de transgressão e contestação de arbítrios cometidos em nome da nação.

Em tal contexto, algumas formas de “pôr em cena a cultura popular” (ALABARCES; RODRÍGUEZ, 2008) como uma prática que se envolveu com o passado incômodo de foras da lei indicam outras disputas de significados do dito ser nacional. Há a ideia em torno desse passado de que, em meio a suas contradições, poderia ser usado politicamente como instrumento de conscientização e transformação diante da polarização da identidade nacional que se buscava tensionar.

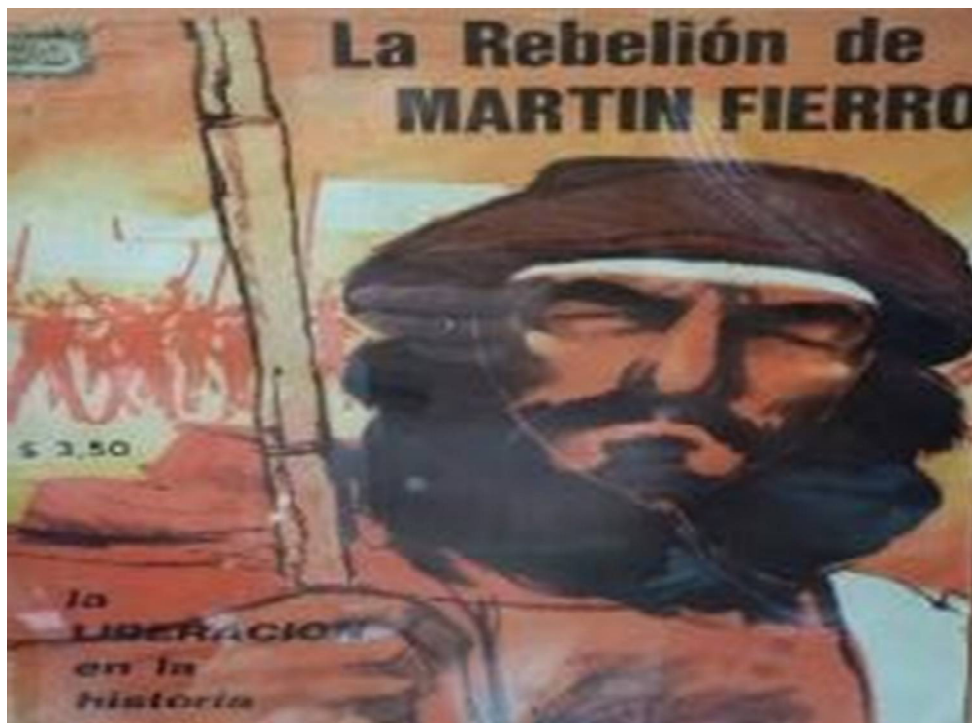
Na Argentina da época, há uma alteração da lei do “Día de la Tradición” que, ao ser antes aplicada apenas a Buenos Aires, foi ampliada pela lei nº 21.154 de 1975 para todo o território nacional. Mais uma vez, a figura de José Hernández é evocada, pois se declara a cidade de San Martín, sua terra natal, como a “cidade da tradição”. A investigação no acervo do MAP também foi valiosa para entender melhor o período. Trata-se de um local com presença de muitos documentos sobre os anos 1960 e 1970, quando, em “contextos ditatoriais” a ideia de popular como elemento de transformação nacional passa a disputar visões de povo.

Nesse momento de revisão da cultura popular, algumas permanências e modificações em políticas de preservação são sintomáticas. O impacto no “Museo de Motivos Argentinos y Biblioteca del Folklore Argentino José Hernández” é bastante visível. A instituição mudou de nome, passando a ser apenas “Museo de Motivos Argentinos José Hernández”. A supressão da expressão “folklore” indica a revisão de ideias de popular na época. Nessa etnografia realizada pelos acervos do museu, encontro um objeto interessante para pensar algumas dessas ideias. O objeto em si é uma revista



intitulada “La Rebelión de Martín Fierro”, de 1976, ano conhecido por marcar um golpe de Estado pelas Forças Armadas do país com apoio dos Estados Unidos.³

Figura 2. “La rebelión de Martín Fierro”



Fonte. foto do autor (Museo de Arte Popular José Hernández - MAP)

Pela imagem do livro, não é difícil perceber que a visualidade construída do gaúcho Fierro possui traços próximos da face que se tornou icônica do revolucionário argentino “Che Guevara”. Um dado modo de dar a ver esse gaúcho argentino que se intensifica nesse contexto. Na época, dizia-se que havia receio de que alguns foras da lei argentinos, tal qual Isidro Velázquez (1928-1967), por exemplo, virassem um novo “Che”. E este, por sua vez, era visto por muitos como um simples fora da lei. É muito provável que esse livro “subversivo” não estivesse em nenhum lugar de destaque no museu no período. Sua presença no acervo, entretanto, é um indicativo das circulações de ideias contestatórias por esse espaço de memória.

Esse caso descrito a partir das andanças entre documentos acervados do museu possibilita pensar, de forma mais ampla, como as “tradições inventadas” “podem ser prontamente modificadas ou abandonadas de acordo com as transformações das

³ MUSEO DE ARTE POPULAR JOSÉ HERNÁNDEZ (MAP). Buenos Aires, Argentina. Visita em: set. 2022; entre maio e out. 2023. Este livro da biblioteca do museu foi exposto durante visita guiada preparada especialmente para la “Noche de los Museos” em setembro de 2023.



necessidades práticas” (HOBSBAWM; RANGER, 2012, p. 10). Nesse itinerário, o instigante é notar como a “utilização de elementos antigos na elaboração de novas tradições inventadas” (HOBSBAWM; RANGER, 2012, p. 13) pode ocorrer para fins bastante originais, diversos e até subversivos em relação aos padrões que eram socialmente aceitos antes.

Tempos de ampliação do patrimônio

No contexto das redemocratizações políticas da América Latina, principalmente no final do século XX, o imaginário sobre o território rural enquanto espaço de atraso marcado pela dissonância com a cidade foi cada vez mais questionado, em função de suas variadas mutações sociais e históricas em curso (ALBUQUERQUE JR., 2014). Nesse cenário, o discurso de ampliação de uma modernidade em muitos lugares por conta de políticas neoliberais contrastava, na maioria das vezes, com as assimetrias sociais que marcavam profundamente muitos países.

Nesses anos, certas formas de “pôr em cena o patrimônio” (MARTÍN, 2020) como uma prática que se envolveu com o passado incômodo de foras da lei indicam demais disputas de significados de nacionalidade. Há a ampliação da ideia em torno desse passado como aquele que, ao ter questões delicadas revistas pelo ângulo dos direitos étnicos, culturais e tradicionais, poderia ser usado politicamente como fator de negociação para conciliação de identidade nacional que se buscava reconstruir.

Na Argentina do período, houve a institucionalização do “Día Nacional del Gaucho”, promulgada pela lei nº 24.303 de 1993. O dia escolhido foi o 6 de dezembro, em alusão à publicação da obra de José Hernández, “Martín Fierro”. Em meio às pesquisas no acervo do MAP, voltei meu olhar para documentos que remetiam também aos anos 1980 e 1990, repletos de “contextos de redemocratização”, a fim de notar como a ideia de popular era usada como elemento de conciliação nacional para negociar visões de povo.

Nesse momento de ampliação patrimonial, todas essas transformações deram uma nova importância ao antigo “Museo de Motivos Argentinos José Hernández”, que, em 2006, passou a ser chamado de “Museo de Arte Popular José Hernández”, nomeação que o acompanha contemporaneamente. A inclusão do termo “arte popular”, em contraponto ao “folclore” que o marcava inicialmente, é sinal de tentativa de maior alinhamento com as políticas relacionadas ao “patrimônio imaterial”. Percorrendo o acervo, encontrei alguns materiais interessantes para pensar a historicidade dessa transmutação institucional. Um deles era um cartaz de convite para o espaço de meados dos anos 1990 que, além de difundir que o museu não tinha só objetos de “gaúchos”, alertava que a “la tradición no es una copia del pasado”.⁴

⁴ MUSEO DE ARTE POPULAR JOSÉ HERNÁNDEZ (MAP). Buenos Aires, Argentina. Visita em: set. 2022; entre maio e out. 2023. CARPETA: Día de la tradición.



Figura 3. “La tradición no es una copia del pasado”

Fonte. Museo del Arte Popular José Hernández (MAP)

Com essa nova difusão, tentavam revisitar os tradicionais “símbolos de argentinidade”, o que significava também ampliá-los. Por mais que usassem formas de dar a ver o passado de “gaúchos” e outras personagens semelhantes às antigas projeções folclóricas, a ressalva aos diálogos da tradição com o presente tentava sensibilizar para outras formas de debater a temática. A situação explicita que “houve adaptação quando foi necessário conservar velhos costumes em condições novas ou usar velhos modelos para novos fins” (HOBBSAWM; RANGER, 2012, p. 12). Muitas são as instituições, tal qual o museu, que, diante de suas funções estabelecidas, referências ao passado e práticas cotidianas, podem sentir a necessidade de fazer adaptações dessa natureza.

Em todos os casos, “a inovação não se torna menos nova por ser capaz de revestir-se facilmente de um caráter de antiguidade” (HOBBSAWM; RANGER, 2012, p. 13). A situação aqui abordada é interessante porque observamos como figurações que remetiam às concepções clássicas de folclore se mesclam com traços de insubmissão advindos de visões subversivas da cultura popular com potencial para serem visualizadas em algum momento como um patrimônio imaterial, visto que os atos de valorizações em torno desses passados continuavam presentes. As tensões que o envolviam, contudo, fazem pensar como era difícil atingir alguns consensos sobre seus rastros.

Tempos de outras disputas de imagens sobre a cultura nacional

O debate sobre faces de imagens de passado nacional na arena pública ao longo do tempo, em que os binômios “tradição” e “modernidade”, “civilização” e “barbárie” e outras derivações são constantes em muitos países da América Latina, sugere como essa aparente simplificação está repleta de acordos e conflitos de ressignificações. Em cena, vimos como reelaborações de dadas imagens de passado do povo do deserto, especialmente de passados de gaúchos fora da lei, formam um dispositivo que faz ver, falar e tensionar sentidos do que significa ser nacional. Trata-se passados incômodos que provocam intensas discussões sobre ideias de povo, violência e (in)justiças variadas porque convivem entre muitos usos políticos, representações e significados dessas figuras.

Na Argentina contemporânea, há uma vasta presença desse passado na sociedade. Indício significativo ocorreu em 2022, com a comemoração de 150 anos da publicação da obra “Martín Fierro”, de José Hernández. Em geral, isso desencadeou exposições variadas como “El Mito Gaucho” (DAVID; DÍAZ, 2021), ocorrida na Biblioteca Nacional e, no ano seguinte, algumas outras que tematizavam cruzamentos entre “nação”, “tradição” e “gaúchos”. Refiro-me à “Devociones populares argentinas”, também na Biblioteca Nacional, e à “De soldados, Desertores y Santos populares”, ocorrida no Museo Histórico Sarmiento (DÍAZ; REDONDO, 2023; STUPIÁ, 2023). Em comum, tematizam a santificação popular em torno de foras da lei, especialmente Gauchito Gil, cuja presença simbólica está em vários espaços do país, na capital e no interior.

Em particular, a comemoração dos 40 anos de democracia na Argentina no ano de 2023 também impulsionou tematizações que dão a ver outras disputas desses símbolos. Sobre isso, convém dizer que “en los últimos años, el Martín Fierro, de José Hernández, ha sido objeto de varias reescrituras que utilizaron el erotismo y las representaciones de la sexualidad disidente o ‘desviada’ como tópico central” (OLIVETO, 2023, p. 128). Nessa direção, foi criada a mostra “Gauchito, pétalos y terciopelo”, organizada no “Complejo Histórico Cultural Manzana de las Luces”, um dos principais museus nacionais, com o intuito de abordar a questão da deserção de Gil por outro viés.

A exposição incentiva reflexões interessantes sobre o passado. Para além de “supuesta cobardia de Gauchito Gil”, por ser um desertor de guerra nacional, revisitam o tema propondo que a clandestinidade é uma estratégia de sobrevivência comunitária. Com isso, provocavam comparações entre o “gaucho que huye y la marica como subjetividad desertora de la ley heterocisblancopatriarcal” (GARCÍA, 2023). Certamente, um discurso que mostra como este dispositivo continua em intensa disputa no presente.

Considerações finais

Depois desse itinerário reflexivo, parece ser coerente expor que o enunciado de que a “tradição do passado não é uma cópia do passado” não seria apenas uma forma de valorizar a atualidade do acervo do “Museo de Arte Popular José Hernández”. Mesmo que tenha sido forjado com esse intuito, sua propagação talvez chame atenção porque sinaliza para um elemento que atravessa igualmente vários museus com temáticas populares e tantos outros. De algum modo, faz pensar como tradições não são cópias porque, muitas vezes, têm mais relação com o presente que o atualiza do que com o passado ao qual se reportam. Como o “estudo das ‘tradições inventadas’ não pode ser separado do contexto mais amplo da história da sociedade” (HOBSBAWM; RANGER, 2012, p. 20), penso ter iluminado minimamente algumas das razões de suas mobilizações entre dinâmicas do folclore, da cultura popular e do patrimônio.

Com a análise realizada a partir desse museu, procurei expor também algumas formas de trabalhar temporalidades entrelaçadas desses passados tão presentes na sociedade. Um procedimento que, ao ser executado com atenção a fluxos globais, lança reflexões que auxiliam estudos não só sobre a Argentina, mas a determinadas dinâmicas no Brasil e até outros lugares. Distante de querer solidificar uma única forma de abordar acervos, o mais importante é perceber como todo registro “es conformado, simbolizado, resignificado en el transcurso entre aquel que actuó y habló, fotografió, filmó, escribió y aquel que registró, imprimió, conservó y reprodujo” (SILVA CATELA, 2011, p. 403).

Nesse exercício de etnografia por acervos, há muitos “deseos de perpetuar intencionalmente una cierta imagen, un propósito concebido que, en última instancia, se destina a la monumentalización del propio individuo, grupo o institución ‘archivada’” ou que arquivou tais sentidos (SILVA CATELA, 2011, p. 402). Ao longo dessas notas, ensaiei reflexões que permitissem destrinchar temporalidades sobre a construção de certas imagens de passado do povo de territórios periféricos enunciados como desertos, especificamente o passado do gaúcho fora da lei, como dispositivo que está intrinsecamente relacionado a conflitos identitários nacionais. Ao historicizar curvas de visibilidade e dizibilidade de alguns trabalhos em prol de suas consagrações e/ou confrontações como símbolo nacional, foi possível notar como tais disputas de passado não são apenas figurativas, pois se materializam em função de lutas acirradas no presente.

Evidentemente, não custa registrar como seu acervo continua aberto a muitas outras indagações, seja para notar como seu acúmulo no tempo envolve diversas pessoas, grupos e instituições e/ou para refletir que a perenidade de qualquer um “é assegurada pelo desejo de conservação e pela atribuição de valores ao seu conjunto reunido” (POSSAMAI, 2020, p. 48). Nesse terreno de estudo sobre relações humanas com o passado, espero ter demonstrado como “toda tradição inventada, na medida do possível, utiliza a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal”, mas, muitas vezes, “ela se torna o próprio símbolo de conflito” (HOBSBAWM; RANGER, 2012, p. 21). Apesar das ambivalências que alguns temas em cena possuem,

muitos dos seus rastros continuam recorrentes na construção de imagens formadas de si, para si ou para os outros, em nossa contemporaneidade.

Referências bibliográficas

ADAMOVSKY, Ezequiel. **El Gaucho indómito**: De Martín Fierro a Perón, el emblema imposible de una nación desgarrada. Buenos Aires: Siglo XXI, 2019.

ALABARCES, Pablo; María G. RODRÍGUEZ (Comps). **Resistencias y mediaciones**: estudios sobre cultura popular. Buenos Aires: Paidós, 2008.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. Distante e/ou do instante: sertões contemporâneos. In: FREIRE, Alberto (org.). **Culturas dos Sertões**. Salvador: Edufba, 2014.

BARRIOS, Cleopatra. **Re-presentaciones fotográficas del Gauchito Gil**. Tesis, Universidad Nacional de La Plata, 2016.

CASAS, Matías E. **Las metamorfosis del gaucho**: Círculos criollos, tradicionalistas y política en la provincia de Buenos Aires, 1930-1960. Buenos Aires: Prometeo, 2016.

CASAS, Matías E. Los “enemigos” de la tradición: los detractores del gaucho em la coyuntura de su oficialización como arquetipo nacional. **Quinto Sol**, vol. 22, 1, 2018.

CASAS, Matías E. **Como dijo Martin Fierro**: interpretaciones y usos del poema durante el siglo XX. Buenos Aires: Prometeo, 2022.

CHAMOSA, OSCAR. **Breve Historia del Folclore argentino (1920-1970)**. Buenos Aires: Edhasa, 2012.

CHUMBITA, Hugo. **Última Frontera**: vida y leyenda de Juan Vairoletto. Buenos Aires: Planeta, 1999.

CHUMBITA, Hugo. **Jinetes rebeldes**: Historia del bandolerismo social en la Argentina. Buenos Aires: Colihue, 2009.

DAVID, Guillermo; DÍAZ, Emiliano Ruiz. **El Mito Gaucho**. Exposição. Buenos Aires: Biblioteca Nacional Mariano Moreno. Ano 2021. Disponível em: <https://www.bn.gov.ar/agenda-cultural/el-mito-gaucho> . Acesso em: 17 nov. 2025.

DELEUZE, Gilles. ¿Que és un dispositivo? In: BALIBAR, E.; DELEUZE, G.; DREYFUS, H. L.; FRANK, M.; GLUCKSMANN, A. Et. Al. **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990.

DÍAZ, Emiliano Ruiz; REDONDO, María. **Devociones populares argentinas**. Exposição. Buenos Aires: Biblioteca Nacional Mariano Moreno. Ano 2023. Visita em 2023. <https://www.bn.gov.ar/agenda-cultural/devociones-populares-argentinas>. Acesso em: 17 nov. 2025.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.



GARCÍA, Javi Samaniego. **Gauchito, pétalos y terciopelo**. Exposição. Buenos Aires: Complejo histórico cultural Manzana de las Luces. Ano 2023. Visita em 2023.

<https://manzanadelaslucos.cultura.gob.ar/exhibicion/gauchito-petalos-y-terciopelo-1/>. Acesso em: 17 nov. 2025.

GOLOBOFF, Mario. Borges y el Gaucho. **Revista de Literaturas Modernas**, Mendoza, N° 29, 1999.

GOMES, Angela C. Marcas do período. In: GOMES, Angela C. (org.). **História do Brasil Nação**: olhando para dentro (1930-1964). Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

JELIN, Elizabeth; VINYES, Ricard. **Cómo será el Pasado**: una conversación sobre el giro memorial. Barcelona: Ned Ediciones, 2021.

MARTÍN, Alicia (Comp.). **Cultura y patrimonio nacional**: los estudios de Folklore em la Universidad de Buenos Aires. Buenos Aires: Eudeba, 2020.

OLIVETO, Mariano Javier. Versiones “torcidas” de Martin Fierro. **Estudios de Teoría Literaria**, marzo de 2023, vol. 12, n° 27, pp. 138-150.

OLIVERA, Fernanda. **Bestiário nacional: Criaturas del imaginario argentino**. Exposição: Biblioteca Nacional Mariano Moreno. Ano 2023. Visita em 2023. Disponível em: <https://www.bn.gov.ar/agenda-cultural/bestiario-nacional-criaturas-del-imaginario-argentino>. Acesso em: 17 nov. 2025.

POSSAMAI, Zita R. Patrimônio e Acervo. In: CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristina. (Org.). **Patrimônio e Acervo**. Campinas: Editora Unicamp, 2020, p. 47-49.

RAMOS FILHO, Vagner Silva. **Ser tão Brasil**: rastros de memórias, escritas de histórias e tempos em transe (arquivo do CNFCP/IPHAN na era digital). Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 2025.

RODRÍGUEZ, Fermín A. **Un desierto para la nación**: la escritura del vacío. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2010.

SILVA CATELA, Ludmila da. El mundo de los archivos. In: REÁTEGUI, Félix (ed.). **Justicia transicional**: manual para América Latina. Brasília: Comisión de Amnistía, Ministerio de Justicia; Nueva York: Centro Internacional para la Justicia Transicional, 2011.

SOLANS, Pedro. **Isidro Velázquez**. Retrato de un rebelde. Córdoba: M&D, 2010.

STUPÍA, Eduardo. **De soldados, desertores y santos populares**. Exposição. Buenos Aires: Museo Histórico Sarmiento. Ano 2023. Visita em 2023. <https://museosarmiento.cultura.gob.ar/exhibicion/de-soldados-desertores-y-santos-populares/>. Acesso em: 17 nov. 2025.